
O Poder Simbólico das Redes Sociais na Luta Antirracista: Um Estudo de Caso da Ocupação de Djamila Ribeiro no Instagram de Paulo Gustavo¹

Gilvan Anselmo de Oliveira² e Luciana Coutinho Araújo³
Universidade Católica de Pernambuco

Resumo

Este artigo analisa a ocupação do perfil no Instagram do ator Paulo Gustavo pela filósofa Djamila Ribeiro, uma das principais autoras e pesquisadoras sobre racismo e empoderamento feminino no país. A ocupação aconteceu em junho de 2020 em meio a uma onda mundial de protestos e de movimentos antirracistas após o assassinato do segurança George Floyd por policiais, nos Estados Unidos, em 25 de maio, sendo as redes sociais o grande vetor de propagação da bandeira. Autores como Manuel Castells (2015 e 2018) e Stuart Hall (2003) embasam teoricamente este trabalho. A partir desta ocupação, foram observadas as relações de poder simbólico, contrapoder, reconstrução de identidade cultural e a utilização da comunicação no território das redes sociais digitais como forma de produção e intercâmbio de conteúdo simbólico.

Palavras-chave: poder simbólico; poder; contrapoder; identidade cultural; racismo.

O Antirracismo e o Contrapoder

O presente artigo se propõe a observar as relações e dinâmicas de poder simbólico nas redes sociais ao analisar o episódio de cessão do perfil do ator Paulo Gustavo no Instagram, com 13,5 milhões de seguidores, para a ocupação da filósofa e escritora Djamila Ribeiro durante o mês de junho de 2020 (CORREIO BRASILIENSE, 2020).

A partir das contribuições teóricas de Manuel Castells (2015 e 2018) e Stuart Hall (2003), foi feito um estudo sobre a comunicação em redes sociais como território de produção e intercâmbio de conteúdo simbólico e sua relação direta com o contexto social. Investigou-se a existência de um possível reordenamento de espaço, as trocas de

¹ Trabalho apresentado no GP Políticas e Estratégias de Comunicação do 44º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestrando do curso Indústrias Criativas, e-mail: gilvan_oliveira_04@hotmail.com.

³ Mestranda do curso Indústrias Criativas, e-mail: luciana.2020607146@unicap.br.

recursos envolvidas nestas relações sociais e como estes fatores podem influenciar ações de inclusão social através deste novo formato de ativismo digital.

A cena do segurança norte-americano negro George Floyd sendo assassinado por policiais brancos na cidade de Minneapolis, no estado do Minnesota, em 25 de maio, reproduzida pelas TVs e nas redes sociais, foi o estopim para uma onda de fortes protestos contra o racismo. As manifestações iniciaram-se nos Estados Unidos, mas, rapidamente, se seguiram em vários outros países do continente americano, europeu e também asiático, notadamente naqueles onde a escravidão africana moldou suas histórias (FOLHA DE SÃO PAULO, 2020).

O tema mobilizou e conectou um grande contingente de pessoas das mais variadas geografias e perfis via redes sociais, notabilizando-se como um movimento de busca por redefinição de identidade social e de manifestação de contrapoder a uma ordem constituída, tudo isso articulado em redes locais e global. Em entrevista, Carla Akotirene, teórica e autora no tema feminismo negro brasileiro, atribui fundamental importância à internet ao dizer que: “A tecnologia tem fortalecido o engajamento dessa geração, multiplicando ações e, por consequência, orquestrando formas de incitar segmentos hegemônicos da sociedade. Pessoas que não participavam organicamente agora buscam seu papel como aliadas” (PINHEIRO, 2020).

Castells (2015) define poder como a “capacidade relacional que permite a um ator influenciar assimetricamente as decisões de outro(s) ator(es) social(is) de formas que favoreçam a vontade, os interesses e os valores do ator que detém o poder” (CASTELLS, 2015, p.57). O autor condiciona as relações de poder a elementos como consentimento e aceitação. Ao mesmo tempo, identifica manifestações de contrapoder, sendo a construção social da identidade o elemento basilar para este movimento de contestação.

Juliana Borges, autora do livro *O Que É Encarceramento em Massa*, enquadra o racismo na definição de Castells (2015) ao declarar que “uma questão é muito importante quando vamos pensar em racismo e no seu desmantelamento: se trata de um sistema de poder. O que quero dizer com isso? Bem, o racismo é um sistema de dominação que se baseia em hierarquizar grupos tendo na raça um fundamento” (BORGES, 2020).

No processo de construção de identidades sociais, Castells (2018) as divide em três categorias: identidades legitimadora, de resistência e de projeto, sendo a primeira delas dominante e as duas outras representações de contrapoder.

As identidades de resistência e de projeto, apesar de ambas expressarem contrapoder, carregam consigo diferenças. Enquanto a primeira se caracteriza por “trincheiras de resistência e sobrevivência com base em princípios diferentes dos que permeiam as instituições da sociedade”, na identidade de projeto “os atores sociais constroem uma nova identidade capaz de redefinir sua posição na sociedade e, ao fazê-lo, de buscar a transformação de toda a estrutura social” (CASTELLS, 2018, p. 56).

Os movimentos de combate ao racismo sempre se caracterizaram, dentro do enquadramento traçado por Castells (2018), como identidades de resistência com características ditadas segundo as realidades sociológicas de cada local. No entanto, as articulações impulsionadas pelo assassinato de George Floyd indicam uma evolução para uma identidade de projeto diante da capilaridade e engajamento plural às manifestações antirracistas.

Independentemente da geografia onde ocorreram, os movimentos ganharam, graças às redes sociais, sincronia e sintonia com uma pauta comum do combate ao racismo e ressignificação da população negra no conjunto da sociedade, movimento este que engajou um público que vai além do círculo de movimentos sociais e ativistas que se dedicam ao tema.

Houve um evidente fenômeno de desterritorialização conjugado com convergência por identidade semântica entre as manifestações, naquilo que Levy e Lemos (2010) classificaram como “novo território virtual”.

“(…) Além das comunidades e redes sociais que refletem as instituições e comunidades clássicas, grande parte dessas comunidades são, por natureza, desterritorializadas e reúnem pessoas que se interessam pelos mesmos temas, paixões, projetos, objetos, posturas ideias etc. independente das fronteiras geográficas e institucionais. Pode-se dizer que sobre o novo território virtual, as proximidades são semânticas e não mais necessariamente e unicamente geográficas ou institucionais. No ciberespaço as proximidades não desapareceram, elas são redefinidas como uma classe importante de proximidades semânticas, ao mesmo título que a língua, a disciplina, a orientação política, sexual etc” (LEVY E LEMOS, 2010, p. 105).

Se, por um lado, houve uma clara unidade no caráter antirracista nos protestos nos diversos países e no engajamento nas redes, ao mesmo tempo o teor das manifestações e a forma sofreram variações segundo o território geográfico onde ocorreram. É um fenômeno que Hall (2005) destaca ao analisar a identidade, indicando que ela está profundamente envolvida no processo de representação. “Assim, a moldagem e a remoldagem de relações espaço-tempo no interior de diferentes sistemas de representação têm efeitos profundos sobre a forma como as identidades são localizadas” (HALL, 2005, p. 38/39).

Murilo Flores (2006), citando Scheren-Warren (1998), também ressalta que a interface entre o local e a ação global produzem dinâmicas próprias em cada região, segundo a carga histórica de cada cultura local.

“Como resultado desses processos de construção social de territórios com identidade cultural surge uma perspectiva multiculturalista (SCHERENWARREN, 1998). A autora também reforça a ideia de que a interface entre o saber local e a ação global provoca interpretações locais que se diferem de acordo com as próprias culturas locais, favorecendo a pluralidade cultural, baseada em redes solidárias. O sentido de solidariedade atribuído a essas redes é definido por SCHEREN-WARREN como ‘o princípio de responsabilidade individual e coletiva com o social e o bem comum, cujas implicações práticas são a busca de cooperação e da complementaridade na ação coletiva e, portanto, para o trabalho em parceria’” (FLORES, 2006, p. 06).

Foi o que aconteceu com as manifestações antirracistas, a partir do assassinato de George Floyd, ao longo de várias geografias: elas mantiveram uma conexão global quanto ao tema central (luta contra o racismo), naquilo que Kabengele Munanga, em entrevista a Santos (2020), classificou como “globalização da consciência sobre o racismo”, mas foram moldadas segundo as realidades locais. Nos Estados Unidos, as manifestações tiveram como evidente alvo principal o de denunciar a violência policial contra a população negra – simbolizada na mensagem *Black Lives Matter* - manifestação esta que encontrou ressonância em vários outros países (G1, 2020). Na Europa, com destaque no Reino Unido, as manifestações tiveram desdobramento no campo do revisionismo histórico em relação a personagens ligados à escravidão e a práticas racistas, com a derrubada de estátuas de mercadores de escravos e pichações de imagens (JC, 2020).

No Brasil, a exemplo de outros países, a questão local moldou a onda internacional de protestos antirracistas. Aqui, apesar do tema violência ter também

permeado o debate, a questão do racismo estrutural e da histórica exclusão das populações negras dos espaços sociais de poder foi a tônica das manifestações. Entidades, como a OAB e o Judiciário, passaram a discutir a importância da inclusão racial em seus espaços de poder, bem como políticas institucionais para fomentar esta inclusão (CONJUR, 2020). É nesse contexto que se insere a ocupação de redes sociais de personalidades brasileiras por ativistas de movimentos antirracistas, como forma de levar a mensagem, via regra de circulação restrita a grupos ou movimentos raciais.

Movimentos sem Líderes, mas como Agentes de Transformação

As manifestações surgiram de forma espontânea e apresentaram as características típicas de atos na era das comunidades em rede: foram transmidiáticas, fortemente articuladas e potencializadas pelas redes sociais, mas sem uma liderança tradicional nem o protagonismo de entidades da sociedade civil que atuam em questões raciais, partidos políticos ou sindicatos. Isso porque, como explica Castells (2018), há, na pós-modernidade, um declínio das instituições que moldaram as identidades dos projetos durante a modernidade.

“Enquanto na modernidade a identidade de projeto fora constituída a partir da sociedade civil (como, por exemplo, no socialismo, com base no movimento trabalhista) na sociedade em rede, a identidade de projeto, se é que se pode desenvolver, origina-se a partir da resistência comunal. É esse o significado real da nova primazia da política da identidade na sociedade em rede. A análise dos processos, condições e resultados da transformação da resistência comunal em sujeitos transformacionais é o terreno ideal para o desenvolvimento de uma teoria de transformação social na era da informação” (CASTELLS, 2018, p. 59).

Nessa reconfiguração da ordem da sociedade, o autor destaca que a nova forma de poder reside não mais na existência ou atuação de instituições formais e coercitivas, mas na mente das pessoas.

“Por isso o poder na era da informação é, há um só tempo, identificável e difuso. Quem, ou o que quer que vença a batalha das mentes das pessoas sairá vitorioso, pois aparatos rígidos e poderosos não serão capazes de acompanhar em um prazo razoável mentes mobilizadas em torno do poder detido por redes flexíveis e alternativas” (CASTELLS, 2018, p. 497).

Na mesma linha, Domingues e Miranda (2018), citando Sorj (2004), reforça a avaliação de Castells (2018) quanto ao declínio das instituições tradicionais como

expressões de poder na sociedade ao afirmar que o discurso dos direitos humanos substituiu as utopias políticas veiculadas pelos partidos, “transformando o sistema clássico de representação e transferindo o papel de catalisadores da ação coletiva para outros agentes sociais, como, por exemplo, as organizações não governamentais (ONGs)” (DOMINGUES e MIRANDA, 2018, P. 01 e 02).

Metodologia

Para analisar os fenômenos de poder simbólico, contrapoder, identidade cultural e combate ao racismo através da cessão de espaços nas redes sociais, esta pesquisa observou, por meio de um estudo de caso, as postagens publicadas no *feed* do Instagram de Paulo Gustavo, durante o mês de junho de 2020, com o objetivo de compreender a variação de engajamento do público durante a ocupação feita por Djamila Ribeiro.

Segundo Mazzotti (2006) “o estudo de caso qualitativo constitui uma investigação de uma unidade específica, situada em seu contexto, selecionada segundo critérios pré-determinados e, utilizando múltiplas fontes de dados, que se propõe a oferecer uma visão holística do fenômeno estudado” (ALVES-MAZZOTTI, 2006, p. 650).

Devido à falta de acesso às métricas que quantificam as curtidas das postagens em formato de vídeo, foi realizado um recorte para análise das postagens do tipo imagem/ilustração realizadas por Djamila Ribeiro no perfil de Paulo Gustavo.

Esta pesquisa selecionou a postagem que alcançou o maior número de curtidas para fazer um comparativo com a de menor número de curtidas - a partir daí, identificar a temática de maior repercussão e, conseqüentemente, a de menor. Também analisou as publicações quanto ao seu conteúdo, verificando que elas, em sua maioria, levam mensagens não resumidas a denúncias de opressão histórica que marca a comunidade negra no Brasil, mas enfocam a emancipação e a importância de reposicionamento da pessoa negra em funções, papéis e espaços sociais que lhes foram negados historicamente.

Diante dos dados pesquisados, foi possível demonstrar os conceitos teóricos levantados por Castells (2018) de construção de uma identidade social de projeto quando se busca, na cessão da administração do perfil social, propiciar a adesão de um

público fora do círculo de movimentos sociais antirracistas à causa. A tomada de consciência e o alinhamento de grupos sociais distintos daqueles atingidos pela opressão é a consequência de que aquela bandeira não está mais restrita a determinado grupo, mas que passou a moldar mudanças no conjunto da sociedade.

A Cessão do Perfil - Paulo Gustavo por Djamila Ribeiro

O perfil de Paulo Gustavo no Instagram (@paulogustavo31) conta com 13,6 milhões de seguidores, 7.146 publicações e 5 destaques. O ator segue 1.095 perfis, 1 *hashtag* e em sua bio (descrição do perfil) informa o “Contato de trabalho: anderson@waystar.com.br”.

Já o perfil de Djamila Ribeiro (@djamilaribeiro1) possui 984 mil seguidores, 2.405 publicações e 10 destaques. A autora segue 2.244 perfis e 4 *hashtags* relacionadas a sua atuação profissional “o que é lugar de fala”, “feminismos plurais”, “quem tem medo do feminismo negro” e “Djamila Ribeiro”. Em sua bio (descrição do perfil) destaca: a sua coordenação da Coleção Feminismos Plurais, “que, em dois anos, publicou nove livros de oito autoras e autores negros”, a láurea pelo prêmio “Prince Claus Laureate concedido pelo governo holandês”, o fato de ser “considerada pela BBC uma das 100 mulheres mais influentes do mundo” e sua atuação como colunista do jornal Folha de São Paulo e da Revista Elle Brasil. Ela também informa o seu contato profissional através do *e-mail* contatodjamilaribeiro@gmail.com e do perfil @casefala.

O Instagram, enquanto site de rede social de fotos, possui limitações e, por exemplo, não permite a utilização de *links*/URL em seu ambiente. Para expor um maior número de informações, Djamila Ribeiro também apresenta em sua bio um *linktree* (<https://linktr.ee/djamilaribeiro>) que “é uma ferramenta que disponibiliza para seus usuários uma página com todas as suas informações para serem compartilhadas através de um link” (LINKTREE, 2020). Através desta URL, é possível acessar a Plataforma Feminismos Plurais, o grupo da autora no Telegram, seu canal no YouTube, seus artigos publicados na Folha de São Paulo e o seu *website* (LINKTREE DJAMILA RIBEIRO, 2020).

Os perfis de ambos são verificados e possuem o selo de autenticidade do Instagram. “Um selo de autenticidade é uma marca que aparece ao lado do nome da conta do Instagram na pesquisa e no perfil. Isso significa que o Instagram confirmou

que uma conta é a presença autêntica da figura pública, da celebridade ou da marca global que representa” (INSTAGRAM, 2020).

Existem algumas postagens feitas pelo próprio Paulo Gustavo em sua conta nos primeiros dias de junho de 2020. Considerou-se importante analisar estas primeiras postagens, anteriores à cessão do perfil, para contextualizar a completude do raciocínio, no que diz respeito ao engajamento, das considerações aqui realizadas.

No dia 01 de junho, Paulo Gustavo adere à campanha nacional lançada pela *hashtag* #vidaspretasimportam com a publicação de uma imagem em que se lê “Se você fica neutro em situações de injustiça, você escolheu o lado do opressor”, frase de autoria de Desmond Tutu, Prêmio Nobel da Paz em 1984 por sua luta contra o Apartheid na África do Sul. Este *post* contou com 148 mil curtidas e 1.825 comentários de seus seguidores.

Em 02 de junho, o ator postou um vídeo com duração de 1 minuto e 27 segundos desenvolvendo temática de humor, conteúdo comumente abordado no perfil, e sem nenhuma ligação com a temática antirracista. Obteve 1.105.164 visualizações e 5.985 comentários.

Nesta mesma data, a imprensa brasileira publicou diversas matérias sobre o lançamento da *hashtag* #BlackOutTuesday e a intensificação do movimento que “convoca aliados na luta contra o racismo a pausarem suas publicações pessoais e incentivarem a divulgação de personalidades negras, seus trabalhos e ampliação de suas vozes” (MONTS, 2020). Então, observou-se que Paulo Gustavo realizou uma segunda publicação, no dia 02 de junho, contendo uma foto de Djamila Ribeiro e um texto em que anuncia a cessão daquele território digital para dar visibilidade a um conteúdo antirracista. Esta postagem alcançou 400.118 curtidas e 13.003 comentários:

“Gente, diante dessa realidade tão brutal, no mês de junho, meu instagram será totalmente dedicado a abordar as questões raciais no Brasil! Portanto, resolvi ceder minha conta do instagram a escritora e ativista Djamila Ribeiro, que vai trazer conteúdos muito importantes pra todos nós! Me sinto na obrigação de ajudar e o meu melhor posicionamento será de escutar e aprender! Vamos visibilizar as vozes que sempre falaram, mas não foram ouvidas! Vamos aprender juntos? Essa é uma luta de todas e todos! Conhecer e entender o racismo no país é nossa responsabilidade política! Já li livros e artigos dela e acho ela uma genia! Estarei acompanhando essas aulas e voltamos a nos encontrar em julho! Obrigado Rainha Djamila, por topa entrar na minha conta e trazer histórias e conhecimentos que vão tocar e transformar milhares de pessoas.” (@PAULOGUSTAVO31, 2020)

No dia 03 de junho, ainda é a voz de Paulo Gustavo que se manifesta no perfil já “cedido” para comentar a repercussão que a sua decisão de ceder o perfil teve na mídia. Esta postagem obteve 456 mil curtidas e 11,2 mil comentários. Utilizando o recurso do Instagram para apresentação de conteúdo em carrossel, foram publicadas 10 imagens das manchetes de diversos veículos de comunicação brasileiros exaltando a ação do ator em apoio à luta antirracista.

Uma matéria publicada no Correio Brasiliense descreve a repercussão positiva da atitude do ator e ele aproveita a oportunidade do depoimento para potencializar o movimento, na tentativa de abrir novos espaços em outros perfis para a causa:

“Precisamos sim entender o nosso lugar e visibilizar vozes importantes na luta pela igualdade racial. Por isso, eu gostaria de convidar meus colegas e minhas colegas artistas famosas com milhões de seguidores para cederem suas contas no instagram e abrirem ala para as vozes que estão muito tempo silenciadas. É hora do Brasil falar, mas também é hora do Brasil ouvir” (CORREIO BRASILIENSE, 2020)

Djamila Ribeiro, falando em seu próprio perfil, neste mesmo 03 de junho, reforça a valorização da postura tomada por Paulo Gustavo e faz uma postagem em que exhibe uma das manchetes da imprensa sobre a sua ocupação:

“Bom dia! Ainda processando o que foi ontem, gostaria de compartilhar com vocês essa notícia histórica: o querido @paulogustavo31, entendendo lugar de fala como uma postura ética, numa atitude, arrisco dizer, inédita nesse país, convidou-me para ocupar sua página, com mais de 13 milhões de seguidores, pelo mês de junho. Lá, compartilharei com vocês vídeos sobre relações raciais, dialogando com quem vem se conscientizando, bem como trazendo para reflexão parte de um público que ainda não é acostumado com o tema. Nos vídeos, apresentarei autoras e autores que vêm falando sobre esses temas, bem como iniciativas importantes. Só tenha a agradecer a Paulo Gustavo por esse posicionamento consciente. Lugar de fala é isso: como eu, do meu lugar social, posso impactar para a equidade do grupo em condições sociais desfavorecidas? A ação de Paulo Gustavo nos convoca a novas possibilidades. Espero vocês lá!” (@DJAMILARIBEIRO1, 2020)

É a partir de 04 de junho que Djamila Ribeiro inicia, de fato, a ocupação assinando o conteúdo das publicações no Instagram de Paulo Gustavo. Ao longo do mês de junho de 2020, foram feitas 20 postagens.

A publicação do dia 07 de junho alcançou 126.640 curtidas, o maior número da amostra observada neste artigo, e gerou 1.172 comentários dos seguidores. Nela, uma

ilustração com o texto “Não sou racista!” e a repetição do lema da ocupação “Juntos pela Transformação” e da *hashtag* #lugardefala, Djamila Ribeiro escreve:

“A mudança da sociedade não se faz apenas com denúncias ou repúdio moral do racismo. Ou seja, independe se a pessoa é legal, simpática ou gentil com pessoas negras. Depende, antes de tudo, da tomada de posturas e da adoção de práticas antirracistas. Todos nós estamos aqui vivenciando isso na prática, quando o querido Paulo Gustavo cede seu espaço priorizando a luta antirracista acima de qualquer outro indicador da presença digital. Não basta não ser racista. É preciso ser antirracista, já nos ensinou Angela Davis. Essa foi a parte final do último vídeo postado nessa ocupação. No nosso próximo encontro, aprofundaremos um pouco mais no tema. Até lá, deixo a pergunta: quais ações vocês estão tomando ou pretendem fazer em prol da luta antirracista?” (@PAULOGUSTAVO31, 2020).

Em 25 de junho, tem-se uma postagem com 12.981 curtidas, o menor número da ocupação, e 123 comentários. Djamila Ribeiro abre o espaço, que já lhe havia sido cedido, para divulgar o trabalho de outra autora negra e promover a venda do seu livro infanto-juvenil que também aborda a temática antirracista:

“Oi pessoal, gostaria de dividir com vocês uma grande inspiração na minha vida: Kiusam de Oliveira (@mskiusam), uma das maiores escritoras infanto-juvenis de todos os tempos, segundo a ONU, e professora na Universidade Federal do Espírito Santo. Nesse vídeo, ela apresenta um pouquinho do Black Power de Akim, livro de sua autoria com ilustrações de Rodrigo Andrade. O letramento racial deve começar desde a infância, quando formamos muito de nossa visão de mundo. Por isso, é muito importante que mães, pais, avós, educadores em geral, incentivem a leitura de livros infanto-juvenis para a construção de um outro imaginário que restitua humanidade às pessoas negras. Trata-se de uma ação antirracista. Sugiro que busquem autoras e autores infanto-juvenis que abordam esse olhar em suas obras e deixo aqui a recomendação para apoiarem o trabalho de Kiusam de Oliveira, seguindo-a nas redes sociais e brindando nossas crianças com uma leitura de excelente qualidade” (@PAULOGUSTAVO31, 2020)

No geral, salvo exceções pontuais, como no caso da apresentação escritora Kiusam de Oliveira, as publicações têm como temática a valorização e emancipação da pessoa negra a partir de uma linguagem educativa, com definições e análises sobre racismo estrutural, sobre atitudes racistas e a importância de assumir posturas antirracistas. E as publicações que tratam diretamente do tema racismo ou que usam a expressão “racismo” são as que tiveram maior engajamento e comentários dos seguidores.

Além da já citada postagem do dia 07 de junho (“Não sou racista!”), as postagens “Racismo Estrutural” (5 de junho, 96.992 curtidas e 1.143 comentários), “A

Relação entre Escravidão e Racismo” (7 de junho, 73.792 curtidas e 831 comentários) e “Não precisa ser negro para falar de racismo” (18 de junho, com 70.516 curtidas e 729 comentários) foram as publicações com cards que mais se destacaram em termos de engajamento. Números bem maiores quando comparados com postagens que não trazem a palavra racismo na publicação do *card* ou que tratam de temas correlatos ao racismo, mas não o abordam explicitamente. A título de comparação, as publicações “#lugardefala é acima de tudo uma discussão de poder” (22 de junho, 20.123 curtidas e 132 comentários), “Lugar Social, Oportunidades e Possibilidades com Perspectivas Distintas” (26 de junho, 15.513 curtidas e 114 comentários) e “O que Queremos para a Nossa Sociedade” (27 de junho, 23.847 curtidas, 237 comentários) tiveram desempenho bem menor que as que tratavam explicitamente de racismo.

O mesmo padrão se observa nos vídeos publicados durante o período. Mesmo não tendo acesso à métrica de curtidas, é possível verificar que os que tratam explicitamente do conteúdo racismo ou que trazem a palavra “racismo” na sua apresentação têm mais visualizações ou comentários que os que não tratam diretamente do tema ou tratam o racismo de forma transversal ou incidental. Durante este período de ocupação, foram postados cinco vídeos no perfil. O intitulado “O que é Racismo Estrutural” (6 de junho, 590.953 visualizações, 2.196 comentários) foi o vídeo que mais gerou engajamento, seguido por “Orgulho” (29 de junho, 240.618 visualizações, 343 comentários), “O Antirracismo na Prática” (213.533 visualizações, 814 comentários), “Obrigada” (agradecimento no final da ocupação, 30 de junho, 209.874 visualizações e 511 comentários) e “Lugar de Fala” (16 de junho, 139.602 visualizações, 436 comentários).

No tocante aos comentários, em sua maioria são elogiosos a Djamila e ao ator Paulo Gustavo. Poucos trazem reações negativas à temática ou à ocupação.

Considerações Finais

O objetivo principal deste trabalho foi contribuir no estudo e análise de ações antirracistas, articuladas e potencializadas pelas redes sociais, como meio de construção de um projeto de contrapoder com o objetivo de remodelar as relações sociais. Nesta perspectiva, este artigo procurou avaliar a ocupação das redes sociais do ator Paulo

Gustavo pela professora e escritora Djamila Ribeiro como uma ação, durante o mês de junho de 2020, dentro de uma ampla campanha antirracista desencadeada após o assassinato do norte americano George Floyd, em 25 de maio.

O trabalho analisou o perfil das postagens e os volumes de curtidas e comentários dos seguidores do ator no período da ocupação do perfil pela professora e escritora. Verificou-se, durante o período, que as postagens tiveram seus conteúdos voltados à temática de empoderamento da população negra e da ressignificação de sua presença na sociedade por meio da definição do “lugar de fala”, com o claro propósito de colocar homens negros e mulheres negras no protagonismo dessa ressignificação.

Ao se debruçar sobre o conteúdo das postagens, verificou-se um maior engajamento (números de curtidas e comentários) nas que tratam diretamente da problemática do racismo pela perspectiva da educação dos seguidores sobre o tema, e um menor engajamento quando trata de assuntos não relacionados diretamente à temática.

Na análise desta ocupação da rede social, e tomando por base os referenciais teóricos apontados, verificou-se a formação de um movimento de contrapoder tendo como base a consolidação, para a comunidade negra, de uma identidade social de projeto, na definição de Manuel Castells (2018), cuja característica central é de tentar transformar a estrutura social. Isso seria viável pelo engajamento de vários grupos sociais distintos em uma causa comum, como no caso da pauta antirracista. E a ocupação do perfil de um ator branco por uma ativista negra é um movimento para levar a mensagem de combate ao racismo para um público que, a priori, não estaria atento ou mesmo engajado com a causa.

Referências Bibliográficas

ALVES-MAZZOTTI, Alda Judith. **Usos e abusos dos estudos de caso**. Cadernos de pesquisa, v. 36, n. 129, p. 637-651, 2006. Disponível em
<<http://www.scielo.br/pdf/cp/v36n129/a0736129>> Acesso em 25 de julho de 2020.

BORGES, Juliana. **Uma ação antirracista objetiva** - Publicado em 03 de julho de 2020. Disponível em
<<https://claudia.abril.com.br/blog/diario-de-uma-quarentener/uma-acao-antirracista-objetiva>> Acesso em 03 de agosto de 2020.

CASTELLS, Manuel. **O poder da comunicação**. São Paulo: Paz e Terra, 2015.

CONJUR. **CNJ debate com sociedade políticas para superação do racismo no Judiciário** - Publicado em 10 de agosto de 2020. Disponível em
<<https://www.conjur.com.br/2020-ago-10/cnj-debate-politicassuperacao-racismo-poder-judiciario>> Acesso em 24 de agosto de 2020.

CORREIO BRASILIENSE. **Paulo Gustavo cede conta com 13,5 milhões de seguidores a Djamilia Ribeiro** - Publicado em 03 de junho de 2020. Disponível em
<https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/diversao-e-arte/2020/06/03interna_diversao_arte,860783/paulo-gustavo-cede-counta-no-instagram-paradjamilaribeiro.shtml> Acesso em 03 de agosto de 2020.

DJAMILA RIBEIRO. 2020. Instagram @djamilaribeiro1. Disponível em
<<https://www.instagram.com/djamilaribeiro1/?hl=pt-br>> Acesso em 02 de agosto de 2020.

DJAMILA RIBEIRO. Site Oficial. Disponível em
<<https://websitedjamila.wixsite.com/sitedjamilafinal>> Acesso em 02 de agosto de 2020.

FOLHA DE SÃO PAULO. **Atos antirracistas crescem no mundo e retomam fôlego nos EUA** - Publicado em 06 de junho de 2020. Disponível em
<<https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2020/06/atos-antirracistas-crescem-no-mundo-e-tentam-recuperar-folego-nos-eua.shtml?origin=folha>> Acesso em 03 de agosto de 2020.

G1. **Protestos Espalhados Pelo Mundo Apoiam o Movimento Black Lives Matter**. Publicado em 06 de junho de 2020. Disponível em
<<https://g1.globo.com/mundo/noticia/2020/06/06/protestos-espalhadospelo-mundo-apoiam-movimento-black-lives-matter.ghtml>> Acesso em 24 de agosto de 2020.

HALL, Stuart. **Identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

INSTAGRAM. Site Oficial - O que é um selo de autenticidade no Instagram?. Disponível em <https://help.instagram.com/733907830039577?pref=search&sr=1&query=selo20autenticidade&search_session_id=eddc3cc2851eb83f3d8a8f0e82d4fa8e> Acesso em 02 de agosto de 2020.

JC. **Derrubada por manifestantes, estátua de comerciante de escravos em Bristol, no Reino Unido, não deverá ser reinstalada.** Publicado em 08/06/2020. Disponível em <<https://jc.ne10.uol.com.br/mundo/2020/06/5611732-derrubada-por-manifestantes--estatua-de-comerciante-de-escravos-em-bristol--no-reino-unido--nao-devera-ser-reinstalada.html>> Acesso em 24 de agosto de 2020.

LINKTREE. Site Oficial. Disponível em: < <https://linktree.com.br/site/>> Acesso em 02 de agosto de 2020.

LINKTREETJAMILARIBEIRO. Djamilá Ribeiro. 2020. Linktree. Disponível em <<https://linktr.ee/djamilaribeiro>> Acesso em 02 de agosto de 2020.

MONTS, Mari. **Famosos se declaram antifascistas e antirracistas; veja discursos** - Publicado em 02 de junho de 2020. Disponível em <<https://entretenimento.uol.com.br/noticias/redacao/2020/06/02/famosos-se-declaram-antifascistas-e-antirracistas-veja-discursos.htm>> Acesso em 03 de agosto de 2020.

SANTOS, JOÃO VITOR. **Manifestações depois da morte de George Floyd representam a globalização da consciência sobre o racismo.** Publicado em 15 de junho de 2020. Disponível em <<http://www.ihu.unisinos.br/159-noticias/entrevistas/599927-manifestacoes-depois-da-morte-de-georgefloyd-representam-a-globalizacao-da-consciencia-sobre-o-racismo-entrevista-especial-com-kabengelemunanga>> Acesso em 24 de agosto de 2020.

PAULO GUSTAVO. 2020. Instagram @paulogustavo31. Disponível em: <<https://www.instagram.com/paulogustavo31/?hl=pt-br>> Acesso em 02 de agosto de 2020.

PINHEIRO, Ana Carolina. **Por que os debates sobre racismo ganharam destaque na pandemia** - Publicado em 17 de julho de 2020. Disponível em <<https://claudia.abril.com.br/politica-poder/odespertar-para-o-racismo/>> Acesso em 03 de agosto de 2020.